

Depois da abertura às zero horas de ontem, com a Serenata Monumental, junto à Sé Catedral, pode dizer-se que a Queima das Fitas/87 conquistou, por direito próprio, uma cidade que, aos poucos, se vai habituando a estas coisas da Academia. Com o trinar das guitarras a ecoar pela noite adentro, para alguns - e não foram

assim tão poucos - só houve tempo de passar por casa, tomar um duche retemperador e regressar à Sé, para tomar parte na sublime cerimónia da bênção das pastas. À noite, no Cine Vale Formoso, foi a vez do Sarau Cultural, que começou a desoras mas nem por isso foi menos brilhante.

Estudantes conquistaram a cidade

MÚSICA, AMOR E ALEGRIA NA ABERTURA DA «QUEIMA»

«Hol, malta, e pela Academia não vai nada, nada, nada?». Ao grito rouco do estudante, milhares de capas negras ergueram-se à suave brisa, e a vozeria respondeu: «Tuudoi!». Estava oficialmente aberta a Queima das Fitas do Porto. Passava pouco da meia-noite e a magia da Serenata - de tradicional fado académico - cortou o ar quente do terreiro da Sé e fez tremar os corações mais apertados. Os estudantes conquistavam a cidade - mesmo os redutos antigamente mais hostis - durante a noite. Horas depois, regressaram à Sé para a Bênção das Pastas, um dos momentos mais sublimos e inesquecíveis da cruzada académica.

Os estudantes eram aos milhares. Os familiares também. Aqui e ali, os simples curiosos que recordavam tempos antigos ou rememoravam os sonhos nunca concretizados. Era a monumental Serenata da Queima, o primeiro de uma série de episódios que a memória acaba por tomar lantânica. Era também o primeiro dos muitos episódios que

sadia irreverência da juventude estudantil...

Pouco antes das 2 horas da manhã, a estudantada começou a dispersar. Não para casa, obviamente - até porque era preciso aproveitar bem a primeira noite. De resto, muito havia ainda para fazer. Uma foram para as Biomédicas, onde a festa durou até às tantas. Outros, distribuíram-se pelos «pubs» e discotecas da cidade onde, como mandam as boas regras da convivência académica, o cerveja correu a jorro e o ambiente se prestou a alguns desentendimentos - facilmente esquecidos, naturalmente.

Muito estará ainda para ajustar na Academia do Porto quanto a tradições académicas. Mas não deixa de ser verdade que ano após ano cresce o número das capas e batinas. Como também é evidente que

a Queima deixou já de ser um exclusivo dos estudantes para ser o delírio de uma cidade inteira. Sem tradições nesta festa, é verdade, mas com uma enorme propensão para a folia.

Na Avenida dos Aliados, alguns recuperavam o fôlego para mais folia e aproveitavam para se despedirem da família e das namoradas, vietas de ocasião que, nestas dias - manda a verdade que se diga - estão sempre e mais. Os mais íntimos - porventura os mais simpáticos - não se esqueceram de nós, e, mesmo junto à entrada do nosso jornal, entornaram um poderoso «Ela-erre-á» a «O Comércio do Porto», pelo apoio que temos vindo a dar à grande festa dos estudantes da Academia do Porto.

Pela «violência» desta primeira noite, facilmente se de-

duz que a Bênção das Pastas, que decorreu na manhã de ontem na Sé Catedral, foi uma cerimónia de olhos enfiados e corpos dardidos. A maior parte dos estudantes só teve uma solução: sair da discoteca, passar por casa para um banho rápido, e seguir apressadamente para a Sé, a fim de assistir a um dos momentos mais sublimes da Queima.

Um almoço rápido, regado a águas minerais para contrabalançar o peso da noite anterior e para preparar o estômago para as «violências» seguintes e novamente a turba selu à rua. Era a ida às respectivas escolas para a imposição de insignias. Pela nossa parte, decidimo-nos pelo Instituto Superior de Engenharia (ISEP) onde sabemos poder encontrar alguns dos mais inefectivos praticas da cidade. O antefixo - enorme - estava

repleto de estudantes, de professores, de familiares. Mesmo ali, a rivalidade entre os cursos era patente. Mas o mais evidente era a alegria, com os grupos a entoarem os cantos da sua imaginação de momento, enquanto os estudantes recebiam das mãos dos professores escothidos para «padrinhos» a cartola e as fitas queimadas no tradicional peritico.

Ào fim da tarde, um pouco por toda a cidade, os estudantes circulavam em grupo ou discutiam em grupo o programa para a noite - porque a escothia era difícil. Em alguns casos, muitos preferiam dirigir-se para as discotecas, para as festas dos respectivos cursos que são uma constante ao longo das festividades. Os mais tradicionalistas preferiam deslocar-se ao Cinema Vale Formoso para assistir-

ao Sarau Cultural que, ano após ano, tem registado mais adeptos.

À hora em que encerrámos esta edição, já aquela sala de espectáculo ameaçava ser pequena para acolher uma multidão ruidosa. Para além do mais, era o palco de encontro entre duas academias esadamente rivais - a do Porto e a de Coimbra. A segunda delíria «emprestar» à primeira dois dos símbolos que lhe são mais queridos: a «Estudantina» e a divertidíssima «Orchestra Pitagórica» que tão longe têm levado a elegria dos estudantes portugueses.

«Entes Queridos», «Volta e Meia», contras chinesas, teatro e música jazz, eram outras das atrações do espectáculo que, na nossa edição de amanhã, noticiaremos desenvolvimento.

e. Porto P. 11

D. João Alves aos estudantes de Coimbra:

«PARTI COM A BÊNÇÃO DE DEUS»

«Parti com a bênção de Deus e a alegria de todos nós para o vosso futuro e tornai-o útil e fecundo» - disse ontem em Coimbra aos finalistas da Universidade local o bispo da diocese.

Uma dessas pastas, símbolo do labor universitário, foi depositada no altar de Sé catedral ornamentada com as cores das fitas das sete faculdades de Universidade de Coimbra.

No templo, repleto, compareceram além dos frequentadores normais, centenas de estudantes que neste ano lectivo completam os seus cursos superiores.

O pontifical celebrado pelo bispo D. João Alves e mais cinco sacerdotes contou com a presença do Rector da

Universidade, os presidentes dos conselhos directivos das faculdades e outros dignitários

Esta cerimónia tradicional no início dos festejos da Queima das Fitas foi marcada pelo signo da alegria, e não só por se viver ainda em quadra paschal.

A alegria dos estudantes que vivem coroados da fúria os esforços para completarem os seus cursos e à dos familia-

a resolver os seus problemas, alguns deles já crónicos por tão arrastados pelo tempo fora.

A conclusão do curso marca o «começo do tempo em que se pode prestar serviço competente à comunidade humana e nacional em que se está integrado» - salientou o prelado.

«As nossas escolas, e nomeadamente as superiores encontram-se ao serviço do povo português, até porque é ele que as mantém com o seu contributo, dado quantas vezes com notório sacrifício» - sublinhou D. João Alves.

O bispo de Coimbra frisou ainda que «apesar dos pro-

gressos efectivos e numerosos, o povo português padecer ainda de muitos atracos em sectores da sua existência, nomeadamente nos da educação, saúde, habitação e trabalho».

Neste contexto, referiu-se também às esmerritas regionais e aos marginalizados pela

droga e prostituição numa perspectiva da sua integração na sociedade.

«É um mundo vasto que se abre à vossa frente a desafiá-la a vossa ciência, a vossa generosidade e o vosso ideal» - disse o prelado aos estudantes finalistas.

«A sociedade, no entanto, controla os seus vícios e adquiriu os seus maus hábitos e procurará, logo que chegues, assimilar-vos. Resisti a essa tentação, não temas ser diferente e melhores, temes coragem» - aconselhou D. João Alves.

Organização estudantil Queima das Fitas

Table with 28 rows and 1 column, numbered 1 to 28.